

A eufemização do protagonismo feminino: o descrédito ao trabalho realizado por mulheres que movem montanhas pela ciência e saúde no Brasil

Marcos Nunes Sampaio Júnior

Universidade Católica do Salvador. Salvador de Bahía, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-1647-3924>
samppaiomarc@gmail.com

Adriana Tedgue Ribeiro

Universidade Católica do Salvador. Salvador de Bahía, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-7306-1993>
dri_tedgue@hotmail.com

Catarina Tavares Espinheira

Universidade Católica do Salvador. Salvador de Bahía, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-5145-5003>
caty.espinheira@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5984804>

Recebido / Recibido / Received: 2021-12-07
Aceitado / Aceptado / Accepted: 2021-12-30

Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo

O artigo em ênfase possui como escopo a desmistificação do rótulo de sexo frágil atribuído à figura feminina no Brasil, através da demonstração da luta dessas protagonistas em alguns dos contextos laborais mais difíceis de se fazer parte, quais sejam o campo de produção científica e o da saúde. Isto posto, embora seja cômico que parcela considerável do estereótipo feminino no que tange ao trabalho seja oriundo de raízes pretéritas e estruturais fruto de um país outrora patriarcal e essencialmente machista, a propagação de tal ideal ainda na sociedade brasileira hodierna é de responsabilidade do cidadão tupiniquim contemporâneo. Por conseguinte, conforme a referida linha de raciocínio, ao perceber o cerne da problemática, é dever e compromisso colaborativo em consonância tanto do homem quanto da mulher a busca pela ruptura dessa realidade crucial que permanece afligindo o corpo social brasileiro. Para atingir os fins deste

escrito, utilizou-se a pesquisa em base de dados científica SciELO, CAPES, RT online, LILACS, bem como em portais virtuais governamentais.

Palavras-chave: Brasil; Mulher; Produção Científica; Resiliência; Saúde; Sexo Frágil.

The euphemization of female protagonism: the discrediting of the work done by women who move mountains for science and health in Brazil

Abstract

The article in emphasis aims to demystify the label of fragile sex attributed to the female figure in Brazil, by demonstrating the struggle of these protagonists in some of the most difficult work contexts to be part of, whatever the field of scientific production and the Cheers. That said, although it is clear that a considerable part of the female stereotype with regard to work comes from past and structural roots, the result of a country that was once patriarchal and essentially male, the propagation of such an ideal still in today's Brazilian society is the responsibility of the Tupiniquim citizen contemporary. Therefore, according to the aforementioned line of reasoning, when realizing the core of the problem, it is a duty and a collaborative commitment in line with both the man and the woman the search for the rupture of this crucial reality that remains afflicting the Brazilian social body. To achieve the purposes of this paper, research was used in a scientific database SciELO, CAPES, RT online, LILACS, as well as in government virtual portals.

Keywords: Brazil; Fragile Sex; Health; Resilience; Scientific Production; Woman.

La eufemización del protagonismo femenino: el descrédito del trabajo de las mujeres que mueven montañas por la ciencia y la salud en Brasil

Resumen

El artículo en énfasis tiene como alcance la desmitificación de la etiqueta de sexo frágil atribuida a la figura femenina en Brasil, a través de la demostración de la lucha de estas protagonistas en unos de los contextos laborales más difíciles de integrar, que son el campo de la producción científica y la salud. Dicho esto, aunque es obvio que una par-

te considerable del estereotipo femenino en relación con el trabajo proviene de raíces pasadas y estructurales, fruto de un país antaño patriarcal y esencialmente machista, la propagación de ese ideal en la sociedad brasileña actual sigue siendo responsabilidad del ciudadano tupiniquim contemporáneo. Por lo tanto, según esta línea de razonamiento, al percibir el núcleo del problema, es deber y compromiso de colaboración de hombres y mujeres buscar la ruptura de esta cruel realidad que sigue afligiendo al cuerpo social brasileño. Para lograr los propósitos de este trabajo, se utilizó la investigación en bases de datos científicas SciELO, CAPES, RT online, LILACS, así como en portales virtuales gubernamentales.

Palabras clave: Brasil; Mujeres; Producción científica; Resiliencia; Salud; Sexo frágil.

1 Introdução

Empiricamente analisando é possível compreender que o sexo feminino provavelmente corresponde à parcela social mais subestimada desde que a sociedade se organizou com fulcro na divisão e atribuição laboral entre homens e mulheres. Fitando celeremente a história, nota-se que o machismo como fruto do egocentrismo masculino tratou de manchar a cronologia da sociedade como um todo ao regar as raízes societárias com imposições e mitos repletos de óbices depreciativos, aviltantes e pejorativos acerca da capacidade feminina de tornar-se protagonista da sua própria história e cumprir de maneira análoga ou súpera as mesmas atividades que os homens avocavam tão somente para si.

Nessa senda, conforme Wermelinger et al. (2010) “essa situação, contudo, vem sofrendo mudanças, dado que o registro da atividade das mulheres progrediu com as mutações estruturais da sociedade e a afirmação do assalariamento”. Portanto, nadar contra a corrente que insiste em imergir a mulher num oceano de tormentos tornou-se motivação para que cada vez mais o sexo feminino destaque seu valor e creia que seu trabalho é tão relevante, como o de qualquer indivíduo masculino em condição laboral similar.

Felizmente, enquanto houver vida existirá a possibilidade de transformação de realidades que não favorecem a coletividade e afrontam tanto a coexistência justa quanto o bem comum demograficamente falando. Isto posto, há séculos têm emergido dessa tempestade de incongruências figuras importantes capazes de serem e propiciarem a diferença nessa sociedade complexada, fomentando no ideal feminino o desejo pela luta e reconhecimento da sua competência e aptidão para representar, conduzir e realizar o que almejam, são personagens exemplares especialmente no campo científico e da saúde, figuras do quilate de Marie Curie, Janaki Ammal, Chien-Shiung Wu, Florence Nigthingale, Gladys West, Ana Néri, a jovem biotecnóloga Anna Luíza Bezerra e tantas outras mulheres incríveis que compartilham com o mundo sua grande e importante genialidade.

Nos dias hodiernos, compreende-se que a igualdade de gênero, no campo dos direitos humanos, possui projeção global e tem incentivado diariamente o público feminino através da proteção internacional de entidades como a ONU Mulher e de disposições legais como a Convenção contra Todas as Formas de Discriminação Contra a

Mulher (CEDAW), de 1979. Nesse sentido, impulsionadas pelo ímpeto de frear a coibição de seu potencial por parte de uma sociedade indiferente ao crescimento feminino no quesito laboral — as mulheres — estão respondendo da melhor maneira aos que apresentam-se como obstáculos ao crescimento das mesmas, comprovando através do sucesso, dos números, das conquistas e principalmente por meio da eficiência no trabalho que realizam, o quanto a fragilidade de cunho infame a qual são associadas configura-se como quimérica e falaz.

2 Metodologia

O presente estudo adotou uma abordagem descritiva do tipo pesquisa bibliográfica, descrevendo as características de dada população com seus fatos sociais. Preocupando-se em identificar todos os fatores os quais determinam ou que estão a contribuir para a ocorrência dos fatos sociais. Realizou-se uma busca de artigos publicados desde a origem do Brasil até hoje nas bases de dados SciELO, CAPES, RT online, LILACS, bem como em portais virtuais governamentais.

3 Resultados e discussão

3.1 Contexto histórico da origem do descrédito do trabalho feminino

Neste primeiro momento, faz-se imprescindível uma observação histórica para averiguar os fatos sociais que foram determinantes para cultura desigual de tratamento no que tange a figura feminina de épocas pretéritas. Sabe-se que até o século XIX os escravos realizavam os trabalhos pesados, nos latifúndios e em minas, com finalidade dos latifundiários tornarem-se ainda mais ricos na busca insana e desenfreada por ouro. Contudo, após esse mesmo século mudanças começaram a surgir e uma delas, se não a mais importante, fora a abolição da escravatura, a qual transformou os até então escravos, em seres humanos livres, comuns como quaisquer outros.

Congruente a época, cabe ressaltar que o nascimento de um filho homem era festejado pela família, pois significava a perpetuação de um sobrenome, era motivo de orgulho, uma vez que, ao alcançar a maior idade estes assumiriam todos os negócios da família, todavia, quando tratava-se do concebimento de uma menina, já não haviam os mesmos festejos e eram simplesmente preparadas e treinadas para a busca de um casamento promissor, sendo até mesmo a escolha do pretendente atribuição dos pais.

Em síntese, os anseios femininos não eram dotados de quaisquer valores, a mãe tinha a incumbência de ensinar-lhes as tarefas de cunho meramente doméstico e foi assim durante

longos e árduos anos. Sem voz na sociedade, sem direitos políticos, submissas aos desejos masculinos, vistas como meras donas de casa, mães e esposas, nada além disso. Noutra giro, paralelamente, com a progressão da abolição da escravatura e a conseqüente concessão de direitos aos escravos, as mulheres negras, por seu turno, que outrora eram escravas foram convertendo-se em domésticas, recebendo um valor irrisório pelo seu serviço, mas que todavia já começavam a ganhar espaço e obter juízo de valor acerca do labor realizado.

Noutras circunstâncias, agora sob a ótica do importante século XVIII, com a célebre Revolução francesa, registrou-se para com a figura feminina um destaque indubitável como catalisador das transformações relacionadas à influência do movimento de defesa dos direitos da mulher na contemporaneidade. Consoante ao alto índice de mortalidade masculina durante as guerrilhas da época, além de várias mutilações corporais decorrentes dos embates, a mão de obra nas indústrias vivia intensa escassez ocasionando grandes déficits na produção, e para suprir as necessidades, não somente de repor o quadro de funcionários, como também de sustentar as famílias, haja vista a perda de muitos maridos e companheiros nas guerras, as mulheres tiveram a oportunidade de iniciar um processo gradativo de inserção no mercado de trabalho. Ainda que ocupando cargos menos favorecidos, com baixos salários, inicialmente de forma precária, a coragem e a fibra de gozar da difícil conjuntura social para ressignificarem para sempre a sua importância inspirando as gerações futuras, fez das heroínas do passado o modelo ideal de força e conquista para as heroínas do presente.

3.2 A evolução e ressignificação do trabalho feminino

Conquistar um campo de trabalho que até outrora era executado de forma exclusiva por homens não é uma incumbência fácil, contudo foi laborada paulatinamente pelas mulheres, aprimorando conhecimentos por meios de especializações e capacitações. Uma trajetória marcada por grandes discrepâncias salariais e discriminações, pois o homem dotado de uma cultura machista, que ainda perpetua-se no tempo socialmente, continua a inferiorizar e desqualificar o trabalho feminino por não aceitar que mulheres possam galgar a excelência e lutar por tratamentos iguais e justos.

Nada obstante ao passado brasileiro, onde já supracitado, as mulheres eram criadas para assumirem funções domésticas em seus lares, além de prendadas costureiras e lavadeiras, muitas permearam por essas áreas para se inserir no mercado de trabalho. Posteriormente,

novos campos foram absorvendo essa mão de obra como nas áreas sociais, educacionais e de saúde. No tangente a área industrial, meados 1950, período de ascensão das indústrias haviam vagas para trabalhadores do sexo masculino em grande quantidade nos mais variados segmentos, contudo para as mulheres os ramos empregatícios eram basicamente no setor têxtil e de vestuário, em registro que a absorção de funcionárias era bem menor devido ao restrito número de vagas. Há de se observar, também, que paralelo a isso já existia o setor do comércio informal, crescente, onde era feita a revenda de produtos e pequenas quitandas e mercearias já incorporavam-se ao comércio.

Ademais, as mulheres encontravam-se em desvantagem devido a inúmeros fatores como: as longas horas de trabalho sem qualquer lei protetiva, amedrontadas com a possibilidade de perderem seus empregos, submetiam-se a condições laborais degradantes e desfavoráveis para seu sustento e o da sua família, somado ao fato de que ao retornarem as suas casas ainda tinham que cuidar dos filhos e realizar todos os serviços domésticos. Castigadas por uma sociedade discriminatória que continha um processo civilizatório totalmente masculino.

Doravante, as mulheres foram conquistando espaço e mostraram que também podiam atuar na lida laboral, inclusive decorrente da necessidade de maior aprimoramento, a partir de 1991 foi configurou-se crescente a participação de mulheres nos

ensinos superiores do Brasil, a oportunidade do estudo as levou à qualificação, não parando por aí, galgaram também os cursos de especializações, mestrados e doutorados. Oportunamente cabe registrar que, ainda assim, não houve igualdade salarial, haja vista que o preconceito continuava nesse período a permear a sociedade.

Nesta seara sequenciaram-se muitos anos, contudo o destaque das mulheres continuou sendo progressivo e cada vez mais notório, o acesso às faculdades, a queda nas taxas de fecundidade, crescimento de movimentos feministas e participações ativas na política. Atuando bravamente e ainda observando os cuidados com suas casas e, principalmente, seus dínamos diários: os filhos. Antes, até seus 20 anos as mesmas encontravam-se casadas, hoje essa realidade está cada vez mais tardia, pois as conquistas profissionais passaram a ter mais importância e significado. Principiaram a busca por uma estabilidade profissional, o objetivo de alcançar bons cargos e salários, a serem reconhecidas pelo mérito de suas conquistas e contribuições para com a sociedade.

Nessa conjuntura observa-se que a mulher foi paulatinamente conquistando seu lugar na sociedade, mostrando seu valor e sua capacidade laboral. Ela foi ressignificando seu espaço, deixando seu legado pelos setores que conquista e demonstrando à sociedade a necessidade constante de transformação de valores preconceituosos ultrajados.

3.3 A mulher e o mercado de trabalho atual

Como dantes mencionado, toda a trajetória das mulheres até os tempos modernos foi permeada de desigualdades, lutas e superações. Todo esse processo resultou em conquistas femininas históricas e em uma sociedade que gradativamente está em busca da equidade.

As mulheres nos últimos anos passaram a se dedicar e priorizar os seus projetos pessoais e anseios profissionais, a se enxergar como indivíduos ativos da sociedade e como seres humanos com direitos e deveres iguais aos dos homens. Esse movimento, pela luta e garantia dos direitos femininos, que discute temas fundamentais na evolução de qualquer sociedade como: feminicídio, direito ao aborto, violência doméstica, disparidade salarial, dentre outros ficou conhecido como feminismo. De caráter mundial, o feminismo, foi ocorrendo gradualmente em cada país, com seus marcos e lutas, no Brasil, segundo a cientista política Flávia Biroli, o termo feminismo foi debatido em 1974 quanto aos seus significados e manifestações, ainda afirma que nesse período: "(...) se desenvolveu no âmbito da intelectualidade brasileira, expresso em artigos, reportagens e cartas publicadas pelos principais jornais da imprensa alternativa".

O surgimento desse movimento e dessa nova visão embasou o papel da mulher e a ressignificação do seu valor nos tempos modernos. As mulheres estudam mais, trabalham em altos cargos, fazem parte da política do país, estão presentes e contribuem em todas as áreas do conhecimento. Profusas são as personalidades femininas que construíram sob muito esforço e com uma persistência incomparável, um legado imensurável para a sociedade. Zilda Arns Neuman considerada uma das maiores humanitárias do Brasil, pediatra que contribuiu para a redução da mortalidade infantil, no ano de 1983 fundou a Pastoral da Criança que funciona em 20 países e ajuda mais de 1,5 milhão de crianças e adolescentes; Berta Lutz, bióloga, foi fundamental para criação dos pilares do feminismo no Brasil, o voto feminino era uma das principais causas que ela defendia; Carlota Pereira de Queiroz ficou conhecida por ser a primeira deputada

do Brasil; Marta Vieira Silva, eleita por cinco anos consecutivos a melhor jogadora do mundo, marca que nenhum jogador brasileiro alcançou até o momento.

Apesar do novo cenário social, dos direitos conquistados, do reconhecimento, das novas oportunidades e das possibilidades que mulheres incríveis, como as mencionadas, criaram para todas as gerações futuras de mulheres a distância verídica entre a realidade de ambos os gêneros é, lamentavelmente, significativa e atroz. Segundo dados do IBGE, em 2016, o tempo dedicado pelas mulheres à trabalhos domésticos era em média de 18 horas semanais, enquanto a média dos homens era apenas de 10,5 horas. Um dos fatores que resultam na ocupação de trabalhos com tempo parcial pelo sexo feminino, como elucida a coordenadora de População e Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) gravita em torno do fato de que “Em função da carga de afazeres e cuidados, muitas mulheres se sentem compelidas a buscar ocupações que precisam de uma jornada de trabalho mais flexível”.

Ora, as mulheres não só possuem duas jornadas de trabalho, como ainda são compelidas pela sociedade a aceitarem um trabalho com má remuneração, pois se sentem unicamente responsáveis pelos cuidados domésticos. O nível de escolarização é outro fator que coaduna para a realidade da mulher no cenário atual de trabalho ser desproporcional, no ano de 2016 o IBGE constatou que a porcentagem de mulheres entre 15 e 17 anos que frequentavam a escola no nível de ensino correspondente a idade era de 73,5% enquanto a dos homens era de 63,2%, significando, portanto que 36,8% dos homens estavam atrasados na escolaridade. A discrepância não se encerra no nível médio, o IBGE constatou também que em 2016: “Na faixa dos 25 a 44 anos de idade, 21,5% das mulheres tinham completado a graduação, contra 15,6% dos homens”.

A premissa de que hoje a mulher possui os mesmo direitos e garantias dos homens, como proclama a Constituição Federal, se esmorece diante de tais dados e suas disparidades. Mulheres muitas vezes estudam mais, se aperfeiçoam mais, cumprem duas jornadas de trabalho, em casa para manter a estrutura familiar e fora dela para garantir a excelência na área de atuação profissional, lindando diariamente com machismo, preconceitos e injustiças e mesmo diante todos esses fatores a sua remuneração em pecúnia ainda é consideravelmente inferior quando comparada com a remuneração masculina.

Dados do IBGE, divulgados no ano de 2019 ratificam o quão profundo e dispar é a conjuntura na comparação entre o homem e a mulher inseridos no mercado de trabalho. A priori informam que a diferença salarial decresceu entre os anos de 2012 e 2018, sendo este então um fator positivo para a coletividade ao constatar que toda a trajetória de lutas das mulheres oportunizou mudanças estruturais como essa. Todavia, ainda persiste a discrepância salarial: homens ganham aproximadamente 20,5% a mais do que as mulheres no país, com fundamento no estudo realizado pelo instituto em epígrafe para o dia da Mulher com subsídio na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

Realizada no quarto trimestre do ano de 2018 com homens e mulheres na faixa etária de 25 e 49 anos, foi constatado que o salário mensal do homem era de R\$ 2.579 enquanto o valor recebido por mulheres era de R\$ 2.050, totalizando uma diferença de R\$ 529,00. Em consonância, divulgou também que o ano de 2016 foi o período no qual a diferença salarial entre os sexos foi a menor já identificada, permanecendo no valor de R\$ 471,00. Como outrora mencionado, um dos fatores que levam a essa diferença de salário é que as mulheres trabalham menos horas do que os homens, como elucida Adriana Beringuy, analista da Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE:

Esse estudo mostra que a jornada média dos homens é cerca de 4h48min mais longa que a exercida pelas mulheres. Verificamos isso todos os anos, essa diferença já foi de seis horas. É uma característica do mercado de trabalho, uma vez que isso indica apenas as horas nesse setor. (BERINGUY, 2019)

O dado apresentado na pesquisa realizada pelo IBGE concorda com a afirmativa da analista Adriana Beringuy, ao divulgar que as mulheres trabalham 37h54min, enquanto os homens trabalham 42h42min. Esses elementos quantitativos não evidenciam a falta de capacitação das mulheres, tampouco a quantidade de mulheres que estão à procura de emprego, pelo contrário, ressaltam a permanência dos resquícios machistas e retrógrados que designam a mulher como a única responsável pelo bem-estar do lar e dos filhos.

O site de notícias G1 divulgou em 2018, com fulcro nos dados fornecidos pelo site de empregos Catho que as mulheres ocupando cargos de confiança como de presidência ou de diretoria ganham em média 32% a menos do que os homens que ocupam essa mesma função. A diferença salarial diminui em cargos como o de auxiliar e estagiário. A média salarial de um homem que ocupa o cargo de presidência é de R\$ 12.006,23, enquanto uma mulher exercendo a mesma função recebe R\$ 8.183,24, em outros termos, a mulher ganha 31,84% a menos que os homens. No cargo de coordenador/supervisor as mulheres recebem em média R\$ 4.091,50 e os homens R\$ 5.242,42, uma diferença de 21,95%. E no cargo de estagiário a diferença consiste em 14,05%, os homens recebem em média R\$ 1.704,19 enquanto as mulheres R\$ 1.564,11.

O site traz outra questão inquietante ao evidenciar que quanto mais alto o cargo menor é a ocupação destes por mulheres, a diferença não se restringe somente ao salário, além de ganharem menos, as mulheres ainda são escolhidas com menor frequência para serem diretoras, supervisoras, gerentes, ou CEO, por exemplo. A reportagem informa que o cargo de presidência em 2017, teve a menor proporção de mulheres, sendo somente 25,85% desses cargos ocupados pelo sexo feminino. Contudo os cargos mais baixos hierarquicamente são os que possuem uma maior taxa de ocupação por mulheres, segundo informações trazidas pelo site a porcentagem é de 62,57% de mulheres em cargos como o de encarregada.

O site trouxe que, segundo a pesquisa realizada pela Catho, inobstante da área de atuação que uma mulher atue, ela ainda recebe menos do que o homem. Até mesmo na área que seja predominantemente ocupada pelo sexo feminino, como a medicina, a discrepância salarial persiste. Homens que atuam na área administrativa recebem em média R\$ 4.814,14, enquanto as mulheres recebem R\$ 3.177,04; no campo das artes e arquitetura o valor da remuneração para o homem é de R\$ 5.380,80 e o das mulheres R\$ 3.189,17. Na saúde, campo em que o sexo feminino é predominante, o valor recebido por uma mulher é em média de R\$ 3.693,77 e o dos homens é de R\$ 6.520,19.

É estarrecedora a análise do mercado de trabalho brasileiro e como ele comporta-se quanto a inferiorização do sexo feminino. Uma mulher que consegue alcançar um patamar alto e relevante no mercado de trabalho, ser remunerada com justiça e ser respeitada como profissional é lamentavelmente uma realidade para poucas, na atual conjuntura social isso é uma tarefa árdua, com um caminho longo a ser percorrido e que exige persistência. Todavia, mesmo quando isso ocorre, e profissionalmente a mulher consegue a tão almejada isonomia, esta ainda tem de lidar constantemente com o julgamento e desconfiança advindos do corpo social.

Foi de grande repercussão no país no mês de julho de 2020 um movimento nas redes sociais denominado: #medbikini, onde mulheres médicas postavam fotos nas quais apareciam de biquíni. Isso insurgiu após a publicação de um artigo científico na renomada revista médica *Journal of Vascular Surgery*, na qual um grupo de médicos definiu como “conduta inadequada” as mulheres médicas que postam nas suas redes sociais fotos com tal vestimenta. As qualificações profissionais das médicas foram decrescidas e questionadas tendo como único fundamento a postagem de uma foto em trajes de banho, comportamento que pode ser identificado em inúmeras redes sociais de médicos.

Como foi dito a priori, a história percorrida pelas mulheres não foi simples e grande parte da sociedade ainda é repleta de pensamentos e ações que tornam a mulher um mero objeto do lar, que pode ser julgada e objetificada sexualmente. O mercado de trabalho brasileiro é regido e fundado nesses preceitos e os dados estatísticos, as notícias e os estudos acerca dessa temática permanecem perturbadores, revelando o quão dura é a realidade de ser mulher e profissional no Brasil.

3.4 O sexo feminino e a positivação da sua voz na ciência e saúde

Despertar diariamente tendo que lidar com o fato de precisar comprovar sua inteligência e capacidade é um fardo que as mulheres têm tido que carregar toda vida enquanto são tratadas como coadjuvantes no que concerne aos avanços alcançados, especialmente no que diz respeito ao âmbito científico correlacionado ao universo que compreende as carreiras alusivas à área da saúde.

O tratamento diferenciado atribuído às mulheres não corresponde ao que ocorre na prática dentro do arcabouço científico, tampouco dos centros de saúde onde as mesmas estão presentes em grande número sendo em diversos casos maioria e, máxime contribuindo para com a descoberta dos novos caminhos e soluções de problemáticas médicas ainda sem desfecho. Salvar vidas para essas profissionais possui um significado bem maior que para a maioria das pessoas, uma vez que, estar na linha de frente como uma liderança não legitimada de maneira devida, torna-se um estorvo ao prosseguimento das atividades levando ao questionamento individual recorrente acerca de se vale ou não a pena continuar.

É a partir desse raciocínio que a oscilação de certeza instaura uma brecha na realidade permitindo a desconstrução dos rótulos impostos ao corpo feminino e ao seu poder de transcender a fragilidade prescrita aos mesmos por uma sociedade fundamentalmente retrógrada. À vista disso, nesse diapasão afirma Barata que:

As relações de gênero atravessam todas as dimensões da vida social, possuem dinâmica própria independente de outros processos sociais e são marcadas pelo antagonismo na relação de dominação das mulheres pelos homens. A idealização do papel do trabalho remunerado, como elemento de fortalecimento da identidade e da liberdade feminina, desaparece face à constatação da pouca ou nenhuma qualificação da maioria dos postos de trabalho ocupados pelas mulheres, dos salários inferiores para as mesmas funções e da dupla jornada, representada pelo trabalho doméstico ou pelas tarefas de cuidado destinado a membros da família das quais invariavelmente são as mulheres que se ocupam. (BARATA, 2009, p. 77).

A escolha de uma mulher por enveredar pela via da saúde independentemente do cargo optado, sejam enfermeiras, médicas, fisioterapeutas, psicólogas, biomédicas, infectologistas, entre outras, deve ser tratada com naturalidade e despida de quaisquer preconceitos ou associações das mesmas, com o simples fato de “cuidar” de alguém no *modus operandi* mais despectivo atinente ao teor materno, à sensibilidade exacerbada atribuída a elas e à impossibilidade de galgarem mesmo dentro dessas carreiras o *status* de liderança junto aos homens. Nesse prisma, afirma Leão que “na área de saúde, as mulheres são maioria. Mas dentro desta área, os médicos cirurgiões são mais masculinos – porque não é visto como algo de cuidar. As mulheres estão na pediatria, enfermagem, e outras áreas”.¹

Por outro lado, a produção científica em solo brasileiro cresceu exponencialmente na medida em que a mulher munida de toda a independência que lhe pertence revolucionou o seu interior e apostou na recongnição do próprio *know-how*, impulsionando-as ao êxito. Nessa perspectiva, de acordo com informações extraídas do relatório *Gender in the Global Research Landscape* ou Gênero no Cenário Global de Pesquisa (2017) em tradução literal portuguesa, realizado pela solene editora Elsevier, durante vinte anos abordando o desempenho de pesquisa tanto masculino quanto feminino em doze países e vinte e sete áreas de atuação, o Brasil durante este lapso temporal apresentou o crescimento de cerca de 11% de trabalhos científicos de autoria feminina saindo de 38% entre os anos de 1996 e 2000 para 49% entre 2011 e 2015.²

Noutro giro, apesar de ainda não serem maioria no quesito estudado, o progresso positivado nos números não fabulam a veracidade, por consequência o lugar de destaque feminino em âmbito científico reduziu a distância outrora verificada entre homens e mulheres na liderança da produção científica, ressignificando gradativamente a não mais hegemônica e solitária condução científica avocada pelos homens no Brasil durante tantos anos. Nessa perspectiva, de acordo com Pitanguy (2017, p. 3) “[...] as mulheres vêm ocupando espaços cada vez mais relevantes na vida social. Elas tem maior escolaridade que os homens e a porcentagem de mulheres no conjunto de trabalhadores chega a 44%”.

A invisibilidade da mulher em pleno século XXI configura-se como inaceitável em quaisquer termos e, converte-se em incumbência coletiva cidadã inquietar-se todas as vezes que forem encontrados pelo caminho obstáculos incabíveis que objetivem limitar a mulher como a força da natureza que são ou que tentem esmaecer a chama do florescimento feminino, conferindo-as, assim, nada menos que a independência e a brilhantura que sempre as coube. Nessa óptica, embora os perceptíveis avanços, consoante ao que profere Wermelinger et al. (2010):

“O crescimento da participação das mulheres no mercado produtivo tem sido verificado em todo o mundo e em todas as esferas de atividade econômica, o que mostra um avanço feminino considerável no mundo do trabalho. Desde o primeiro recenseamento brasileiro, realizado no século passado (1872), muitas mudanças ocorreram no que se refere à participação da mulher no mercado de trabalho; no entanto, ainda persistem desigualdades, e não são poucas.” (WERMELINGER et al., 2010).

1 LEÃO, Natália. Socióloga e analista de dados do Open Box da Ciência responsável pela afirmação em epígrafe, em entrevista ao portal G1.

2 EDITORA ELSEVIER. *Gender in the Global Research Landscape: Analysis of research performance through a gender lens across 20 years, 12 geographies, and 27 subject areas*. Brasil, 2017.

A feminização da força de trabalho nas áreas correlatas à saúde no Brasil costuma estar em evidência midiática principalmente quando o país atravessa períodos complicados que afetam drasticamente o equilíbrio no sistema de saúde, principalmente devido às análises dos mais diversos institutos de pesquisa acerca das estatísticas dessa natureza. Entretanto, há que se destacar que a imprescindível liderança e presença feminina nesses espaços de atuação devem ser sublinhadas em quaisquer circunstâncias, mormente, para desestruturar essa ideia tão latente na sociedade não somente brasileira de que o protagonismo feminino, particularmente nesse caso relacionado à abordagem da área da saúde, seja algo momentâneo e condicionado à demandas extraordinárias.

A amplificação da voz feminina ainda em 2021 carece transpor as barreiras das distinções entre os gêneros em busca da igualdade de direitos entre eles, cujas disparidades decisórias e econômicas estão escancaradamente expostas na sociedade tanto brasileira quanto mundial. Nesse sentido, entende-se que as mulheres são símbolos de resistência e luta, mas que essa procura por tratamento cômputo, portanto, converte-se apenas em mais um fator nessa batalha, no entanto este configurando-se extremamente ofensivo às suas conquistas presentes e futuras, sendo exatamente por isso necessário o reforço da valia de defesa desses interesses.

Em concordância com tal percepção, inclusive, foi que a insigne revista científica da seara médica do Reino Unido, *The Lancet*, publicou ano passado um elucidativo artigo denominado *2020: a critical year for women, gender equity, and health*, salientando a necessidade de se afirmar incessantemente o estímulo às profissionais da área da saúde no prélio pela árdua e longa caminhada em perseguição à igualdade de gênero.

4 Conclusão

A estrada percorrida pelas mulheres no decorrer das épocas em sociedade não foi justa, fácil ou valorizada. Caracterizada por uma realidade de submissão e preconceitos que aos poucos e através de muita luta e persistência está em processo de desconstrução. Todavia, os pensamentos, ações e características desta sociedade ainda são embasadas e transpassadas sob a égide de uma cultura machista, desigual e opressora para com as mulheres, refletindo diretamente na relação delas com o mercado de trabalho.

A mulher na conjuntura corrente é reconhecida por sua multifuncionalidade, ela cuida da casa, dos filhos, da sua formação, da própria inserção no mercado de trabalho, e em como isso afete o mínimo possível a respectiva estrutura familiar. Se outrora, ela era destinada e taxada para uma função, hodiernamente é designada para várias. O que infelizmente ainda não resulta no reconhecimento ideal e valorização das mesmas.

Negar que a estrutura social, ora embasada em preconceitos e em uma cultura de inferiorização do sexo feminino vem sendo até este tempo desconstruída exponencialmente é um equívoco. Sim, a mulher conquistou espaço em diversos campos societários, vem tentando se dissociar da figura depreciativa que antes era atribuída a ela frequentemente, permanece lutando por seus direitos e já conseguiu fazer, por exemplo, com que o sistema jurídico a ouvisse e a tutelasse. Todavia, as estatísticas atuais revelam é que as mulheres estudam e trabalham mais, são a grande maioria em diversos campos de atuação e mesmo assim continuam sendo remuneradas de forma injusta e desigual em comparação aos homens.

A sociedade urge por transformações, não obstante estas tão somente podem ocorrer de maneira absoluta caso o corpo cidadão como elemento catalisador de tais mudanças esteja disposto a isso, frisa-se ainda, que a luta pelo reconhecimento do espaço da mulher como também agente central da força de trabalho não é e não pode tornar-se jamais exclusiva do gênero feminino, é do mesmo modo, de todo e qualquer indivíduo disposto a revelar a veracidade recôndita por detrás da pseudorealidade laboral hodierna, que persiste em lançar a autoria e gestão feminina ao segundo plano.

Referências

ALVES, Josilene. SANTOS, Bruna. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho: Comparação entre Ontem e Hoje. **Fabe em Revista**. Bertiooga, 2016.

BARATA, Rita Barradas. **Relações de gênero e saúde: desigualdade ou discriminação? In: Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde collection, p. 73-94. ISBN 978-85-7541-391-3. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48z26/pdf/barata-9788575413913-06.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

BRASIL. Secretária Especial de Políticas para as Mulheres. **As mulheres e o mercado de trabalho**. São Paulo: CADERNOS DE FORMAÇÃO 3, 2017. Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/Caderno-3-web.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CAVALLINI, Marta. **Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa**. Globo.com: Portal G1, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

ELSEVIER, Editoria. Gender in the Global Research Landscape: Analysis of research performance through a gender lens across 20 years, 12 geographies, and 27 subject areas. Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.elsevier.com/search=-results?query=Gender%20in%20the%20Global%20Research%20Landscape%3A%20Analysis%20of%20research%20performance%20through%20a%20gender%20lens%20across%2020%20years,%2012%20geographies,%20and%2027%20subject%20areas>>. Acesso em: 9 jul. 2021.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE, Eugenia. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG: Belo Horizonte, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. IBGE Educa. 2018. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>>. Acesso em 30 jul. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens. Editoria: Estatísticas Sociais. 2019. Disponível em: <<https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/>>

noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens.html>. Acesso em: 28 jul. 2021.

LADEM, UFJF. Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens. MG: Rodrigo Paradella, 2019. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2019/03/20/diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-205-menos/>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

LANCET, The. 2020: a critical year for women, gender equity, and health. United Kingdom: The Lancet, 2020. Disponível em: <<https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2819%2933170-8>>. Acesso em: 6 jul. 2021.

MADEIRA, Felicia. Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920-1970. São Paulo: Cebrap, 1973.

OLIVEIRA, Elida. Mulheres são 40% dos pesquisadores do Brasil que declaram ter doutorado nas 5 maiores áreas de conhecimento, aponta levantamento. Globo.com: Portal G1, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/12/mulheres-sao-40percent-dos-pesquisadores-do-brasil-que-declaram-ter-doutorado-nas-5-maiores-areas-de-conhecimento-aponta-levantamento.ghtml>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

PITANGUY, Jacqueline. Os direitos humanos das mulheres. Fundo Brasil de Direitos Humanos, [s. l.], p. 1-3, 2017. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/downloads/artigo_mulheres_jacpit.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

SOUZA, Camila. Dia Internacional da Mulher: conheça o fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Arquivo Nacional, Ministério da Justiça e Segurança Pública. 2019. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/1576-dia-internacional-da-mulher-conheca-o-fundo-federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

WERMELINGER, Mônica; MACHADO, Maria Helena; TAVARES, Maria de Fátima Lobato; OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; MOYSÉS, Neuza Maria Nogueira. A Força de Trabalho do Setor de Saúde no Brasil: Focalizando a Feminização. Rio de Janeiro: Trabalho publicado na Revista Divulgação em Saúde para Debate, N. 45 maio 2010, p54-70, 2010. Disponível em: <<http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/A%20Forca%20de%20Trabalho%20do%20Setor%20de%20Saude%20no%20Brasil%20.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2021.